

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS/MG
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA
CURSO DE GEOGRAFIA – BACHARELADO**

WALTER LUIZ JUNIOR

**AS CONTRIBUIÇÕES DE ÉLISÉE RECLUS PARA A
HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO E PARA
A EMERGÊNCIA DA GEOGRAFIA CRÍTICA**



ALFENAS/MG

2023

Walter Luiz Junior

**As contribuições de Élisée Reclus para a História do Pensamento
Geográfico e para a emergência da Geografia Crítica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do grau de **Bacharel** em Geografia pelo Instituto de Ciências da natureza da Universidade Federal de Alfnas – MG, sob orientação do Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves e Coorientação do Prof. Dr. Roberto Mauro da Silva Fernandes.

ALFENAS/MG

2023

Banca Examinadora

Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves

Assinatura:

Universidade Federal de Alfenas

Prof. Dr. Roberto Mauro da Silva Fernandes

Universidade Federal de Alfenas

Profa. Dra. Ana Rute do Vale

Assinatura:

Universidade Federal de Alfenas

Prof. Dr. Amir El Hakim de Paula

Assinatura:

Universidade Estadual Paulista

Walter Luiz Junior¹

“Tudo o que é incapaz de renovar-se, acomodar-se ao meio cambiante, está condenado de antemão: a força bruta de nada lhe servirá; a utopia de hoje, precisando-se dia após dia, torna-se-á a realidade de amanhã.”

Élisée Reclus

¹ Este trabalho é parte de pesquisas realizadas na área do tema aqui discorrido, contemplado entre outubro de 2021 a outubro de 2022, com bolsa Iniciação Científica PIBICT concebida pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.

RESUMO

A grandiosa obra do geógrafo libertário Élisée Reclus (1830-1905) que contém em suas temáticas críticas do espaço, os problemas políticos, o Estado, a estrutura social, Luta de Classes, a expansão do capitalismo, e também as relações entre sociedade civil e Igreja, e o progresso. Nesse caminho, através dessas temáticas do importante trabalho de Élisée Reclus para a ciência geográfica, o objetivo da pesquisa e a sua respectiva narrativa científica visa analisar as contribuições das obras do autor para a História do Pensamento Geográfico, e na atual Geografia Crítica. Dessa forma, foram analisadas obras de autores crítico atuais, e obras de Élisée Reclus principalmente O Homem e a Terra, destacando os conceitos de progresso, essas análises, permitem compreender Reclus como um libertário e pioneiro nos estudos críticos na Geografia.

Palavras-chave: Geografia libertária, Geografia crítica, Pressupostos ácratas, História da Geografia.

ABSTRACT

The grandiose work of the libertarian geographer Élisée Reclus (1830-1905) which contains in its critical themes of space, political problems, the State, the social structure, Class Struggle, the expansion of capitalism, and also the relations between civil society and Church, and progress. In this way, through these themes of the important work of Élisée Reclus for geographic science, the objective of the research and its respective scientific narrative aims to analyze the contributions of the author's works to the History of Geographical Thought, and in the current Critical Geography. In this way, works by current critical authors were analyzed, and works by Élisée Reclus mainly *Man and earth*, highlighting the concepts of progress, these analyzes allow us to understand Reclus as a libertarian and pioneer in critical studies in Geography.

Keywords: Libertarian Geography, Critical Geography, Aocratic Assumptions, History of Geography.

RESUMEN

La grandiosa obra del geógrafo libertario Élisée Reclus (1830-1905) que contiene en sus temas críticos el espacio, los problemas políticos, el Estado, la estructura social, la Lucha de Clases, la expansión del capitalismo, y también las relaciones entre la sociedad civil y la Iglesia y progreso. De esta forma, a través de estos temas de la importante obra de Élisée Reclus para la ciencia geográfica, el objetivo de la investigación y su respectiva narrativa científica pretende analizar los aportes de la obra del autor a la Historia del Pensamiento Geográfico, y en la Geografía Crítica actual. De esta forma, se analizaron obras de autores críticos actuales, y obras de Élisée Reclus principalmente El hombre y la Tierra, destacando los conceptos de progreso, estos análisis permiten entender a Reclus como libertario y pionero en los estudios críticos en Geografía.

Palabras clave: Geografía Libertaria, Geografía Crítica, Supuestos Acráticos, Historia de la Geografía.

LISTA DE FIGURAS

Figura – 1 (Élisée Reclus – imagem do prefácio da Obra original: O Homem e a Terra - 1905).....	22
Figura 2 – Gráfico Pajek das redes reclusianas durante o exílio na Suíça (1872-1890).....	23
Figura 3 – Publicações sobre Élisée Reclus nos Jornais brasileiros (1862-1909).....	25
Figura 4 – (Élisée Reclus - O Estado Moderno imagem da Obra original: O Homem e Terra 1908).....	27
Figura 5 – (Élisée Reclus – O Progresso imagem da Obra original: O Homem e a Terra – 1908).....	36

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Livros utilizados para construção do trabalho	14
Quadro 2 – Quadro comparativo entre as geografias críticas	26

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNIFAL-MG - Universidade Federal de Alfenas-MG

UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

USP - Universidade de São Paulo

FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

PIBICT - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

SUMÁRIO

I.	INTRODUÇÃO	12
II.	OBJETIVOS	13
III.	JUSTIFICATIVA	13
IV.	METODOLOGIA	14
V.	CAPÍTULO 1 – INFLUÊNCIAS E CARACTERÍSTICAS DA OBRA DE RECLUS	17
	1.1 - Breve histórico de influências do positivismo	17
	1.2 - As influências do anarquismo	18
	1.3 - Por uma Geografia Libertária	22
VI.	CAPÍTULO 2 – ESTADO, LUTA DE CLASSES E DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO.....	28
VII.	CAPÍTULO 3 – CONTRIBUIÇÕES DE RECLUS PARA UMA GEOGRAFIA CRÍTICA “LIBERTÁRIA”	35
VIII.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
IX.	REFERÊNCIAS	47

I - INTRODUÇÃO

Élisée Reclus (Sainte-Foy-la-Grande, 15 de março de 1830 – Torhout, 4 de julho de 1905) geógrafo anarquista francês, foi integrante ativo da Comuna de Paris e da Associação Primeira Internacional dos Trabalhadores. Foi preso e condenado à deportação para Nova Caledônia, mas sua pena é comutada para dez anos de banimento. No seu percurso de vida e geografia, na Suíça participou da Federação Jurassiana com Bakunin e James Guillaume.

Em 1894 redundante Reclus criou raízes em Bruxelas onde através de seus frutos e impulsão, foi criada a Universidade Nova, além do Instituto de Altos Estudos, em 1894, no qual ministrou aulas. Reclus contribuiu em inúmeros jornais, revistas e brochuras, além de ser autor de umas das mais importantes obras para a ciência geográfica, como as elevadas obras de geopolítica, sendo Nova Geografia Universal: a Terra e os Homens (19 volumes) e O Homem e a Terra (6 volumes) em que faz a analítica crítica espacial do homem com o seu meio. Assim sendo, foi pioneiro através de sua ciência denominada Geografia Social, a impulsionar uma Geografia com criticidade.

Assim, a grandiosa obra do geógrafo libertário contém em suas temáticas críticas os problemas políticos, o Estado, a estrutura social, luta de classes, a expansão do capitalismo, as relações entre sociedade civil e Igreja, também o progresso. Desse modo, através dessas espacialidades do importante trabalho de Élisée Reclus, o objetivo da pesquisa visa analisar as contribuições das obras de Élisée Reclus na história do pensamento geográfico, e para a eclosão e atualidade, da Geografia Crítica.

Dessa forma, a pesquisa objetiva também entender a importância do autor para a Geografia do século XIX e XX, como também para Geografia em contexto atual. E também evidenciar a importância de se estudar o autor na configuração acadêmica da Geografia. Nessa perspectiva, quais contribuições teóricas, no campo da Geografia humana, Élisée Reclus deixou? Como as questões do Progresso, Estado e Luta de Classes foram abordadas pelo autor e se pode interpretar a luz da Geografia Crítica?

II - OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar as contribuições das obras de Élisée Reclus na História do Pensamento Geográfico e na atual Geografia crítica. Nesse viés, entender a importância das obras do autor para a Geografia.

Objetivos específicos

- Analisar o conceito de Progresso na obra de Élisée Reclus;
- Estudar a Luta de Classes no pensamento de Élisée Reclus;
- Observar a participação do Estado, bem como a Geopolítica na obra de Élisée Reclus;
- Evidenciar a importância de se estudar o autor na configuração acadêmica atual.

III - JUSTIFICATIVA

A relevância em desenvolver essa pesquisa se consolida em resgatar e evidenciar as contribuições do geógrafo anarquista Élisée Reclus para a história da Geografia. E assim diluir as contribuições que foram sempre negligenciadas na sistematização acadêmica durante a história e o processo de consolidação da Geografia como ciência. Nesse contexto, esse projeto visa realçar a grandiosidade da “narrativa” do autor e expor que a narrativa de Élisée Reclus não pode ser dispensada.

Considerando que os assuntos estudados por Reclus, como Progresso, Luta de Classes, Estado e o Desenvolvimento do capitalismo estão na ordem do dia da Geografia, é de suma importância compreender como esses temas e a sua extensa obra se refletem na sociedade contemporânea e como esses estudos geográficos podem nos ajudar a entender e refletir sobre os problemas sociais atuais, e assim elucidar possíveis caminhos de soluções para essas temáticas.

Dessa forma, esse trabalho terá contribuição para a Geografia humana agregando para a importância de se discutir e estudar as obras de Élisée Reclus na Geografia acadêmica atual.

V - METODOLOGIA

A realização dessa pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, e nesse viés o estudo foi de natureza básica, assim objetivando uma pesquisa exploratório-bibliográfico, pois foi explorado em diversos livros, revistas, teses de mestrado e doutorado, sites especializados, artigos e obras de Élisée Reclus e de autores atuais críticos. Nessa perspectiva, através dessa pesquisa foi feita uma conferência das obras de Reclus com autores da sistematização do pensamento geográfico e também autores críticos atuais, assim caracterizando a relação e desdobramentos das contribuições teóricas de Élisée Reclus. Portanto, categorizando a influência de determinadas citações, teorias, críticas de Reclus nas obras críticas atuais.

Assim sendo, pautou-se uma análise de conteúdo e discurso nas obras de Élisée Reclus, para compreender os elos originais críticos de sua obra. Para tal, análise de conteúdo e discurso foram adotadas, pois tem como fundamento “[...] compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações. Envolve, portanto, a análise do conteúdo das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca do significado das mensagens” (SEVERINO, 2017, p. 92).

O caminho da pesquisa se constituiu no entendimento da obra de Reclus, a partir de livros selecionados (Quadro 1), bem como objetivando situar a obra dele no contexto da História da Geografia, e ainda analisar referenciais anarquistas e obras que tratam sobre Reclus na atualidade para compreender os textos originais e sua repercussão contemporânea.

Quadro 1 – Livros utilizados para construção do trabalho.

LIVROS ÉLISÉE RECLUS	DE	- El Hombre y la Tierra - (1906-1908) - El Hombre y la Tierra (fragmentos) - Élisée Reclus - 1916 - A evolução, a revolução e o ideal anarquista – 2002 - Do sentimento da natureza nas sociedades modernas - 2010 - Estados Unidos do Brasil - 1900 - Da Ação Humana Na Geografia Física; Geografia Comparada No Espaço E No Tempo - 2010 - As Repúblicas da América do Sul suas Guerras e seu Projeto de Federação – 2010 - Anarquia pela educação - 2016 - O Homem e a Terra – A Indústria e o Comércio – 2011 - O Homem e a Terra – Internacionais – 2011 - O Homem e a Terra – O Estado Moderno – 2010 - O Homem e a Terra – Progresso – 2011 - O Homem e a Terra – A Cultura e a Propriedade – 2010
----------------------------	----	---

LIVROS DE HISTÓRIA DA GEOGRAFIA	<ul style="list-style-type: none"> - Imperialismo e Fragmentação do Espaço (Manuel Correia de Andrade) – 2002 - Élisée Reclus – 1985 (Manuel Correia de Andrade) - Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica (Ruy Moreira) – 2006 - História da Geografia (Paul Claval) – 2006 - A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra (Ives Lacoste) – 1988 - O pensamento geográfico brasileiro, vol.1: as matrizes clássicas originárias – (Ruy Moreira) – 2008
LIVROS SOBRE ANARQUISMO	<ul style="list-style-type: none"> - Palavras De Um Revoltado – (Piotr Kropotkin) – 2005 - Campos, fabricas y talleres – (Piotr Kropotkin) – 1978 - Por uma geografia libertária – (Marcelo José Lopes Souza) – 2017 - A conquista do pão – (Piotr Kropotkin) – 1975 - Escritos contra Marx – (Mikhail Aleksandrovich Bakunin) – 2001 - Geografia e Anarquismo A importância do pensamento de Piotr Kropotkin para a ciência – (Amir El Hakim de Paula) – 2019
ARTIGOS GERAIS	<ul style="list-style-type: none"> - Élisée Reclus e a excentricidade de sua geografia anarquista – (José Vandério Cirqueira) – 2016 - Análise do Estado: o Estado como paradigma de poder – (Eduardo Colombo) – 2001 - Élisée Reclus e a Concepção de Estado: elementos de uma crítica multideterminante – (João Gabriel da Fonseca Mateus) – 2012 - O Anarquismo na geografia de Élisée Reclus – (Rui Ribeiro de Campos) – 2012 - Contribuições de Élisée Reclus para a (Geografia Moderna) – Renan Fernando de Castro, Marcos Jorge Godoy, Flamarion Dutra Alves – 2014 - Anarquia e geografia na I Internacional: As presenças de Élisée Reclus e Charles Perron – (Amir El Hakim de Paula) – 2015 - Elisée Reclus, um geógrafo crítico? – (Amir El Hakim de Paula) – 2020 - Élisée Reclus: ideias úteis para análises geopolíticas contemporâneas – (Fabrizio Eva) – 2005 - Élisée Reclus: vida e obra de um apaixonado da natureza e da anarquia – (José Maria Carvalho Ferreira) – 2006 - As origens da noção de “fronteiras móveis”: limites Políticos e Migrações nas Geografias de Friedrich Ratzel e Élisée Reclus – (Federico Ferretti) – 2014 - Indígenas do universo': espaço, dominação e práticas de liberação social na obra dos geógrafos anarquistas Elisée Reclus, Pëtr Kropotkin e Léon Metchnikoff – (Federico Ferretti, Philippe Pelletier) – 2013 - Anarquia, Ecologia e Veganismo: Contribuições de Élisée Reclus para uma Visão Bioética do Espaço – (Pablo Campos Leal) – 2011 - Elisée Reclus e o Brasil – (Milton Lopes) – 2009 - Contribuição à cronologia de Élisée Reclus – (Sergio Aparecido Nabarro) – 2020

	<ul style="list-style-type: none"> - Élisée Reclus: Pensamento libertário e Geografia Social – (Sergio Aparecido Nabarro) – 2022 - Repensando as fronteiras: a atualidade de Élisée Reclus – (Artur Boligian Neto) – 2017 - Fronteiras: a divisão da fraternidade no mundo – (Ricardo José Batista Nogueira) – 2011 - Élisée Reclus e a geografia do Novo Mundo – (Breno Viotto Pedrosa) – 2012 - Élisée Reclus: Teoria geográfica e teoria anarquista – (Philippe Pelletier) – 2016 - Patriarcado, Estado e capitalismo: A geografia antipatriarcal de Élisée Reclus e Piotr Kropotkin – (Davidson Matheus Pereira) – 2020 - Por uma Geografia do Poder – (Claude Raffestin) – 1993 - Le sol, la société et l'État – (Friedrich Ratzel) – 2003 - De la relativité... Élisée Reclus, Paul Vidal de la Blache et l'espace-temps – (M. C. Robic) – 2009 - Metodologia do trabalho científico – (Antônio Joaquim Severino) – 2017 - A geografia no século dezenove – (G. Tatham) – 1959 - As influências da filosofia natural e da naturphilosophie na contribuição do darwinismo: elementos para uma filosofia da geografia física moderna – (A. C. Vitte) – 2009 - Élisée Reclus e o seu método geográfico – (Miriam Hermi Zaar) – 2015 - O pensamento geográfico de Elisée Reclus – (Paul Boino) – 2008
DISSERTAÇÕES E TESES	<ul style="list-style-type: none"> - Anarquismo, ciência e educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista – (Rodrigo Rosa) – 2013 (Tese – USP) - Geograficidade libertária em Élisée Reclus: Contribuição heterodoxa à história da Geografia – (José Vandério Cirqueira Pinto) – 2015 (Tese - UNESP) - A recepção de Élisée Reclus no Brasil: uma narrativa científica – (Adriano Gonçalves Skoda) – 2016 (Dissertação - USP)

Organização: Walter Luiz Junior.

Esses materiais permitiram compreender em parte a obra e o pensamento de Reclus, no seu contexto histórico-geográfico e político. Dessa forma, os trabalhos de autores atuais foram de extrema importância para analisar os textos originais, e assim compreender que o pensamento do autor não está apenas datado no século XIX e XX. Posto isso, sua Geografia se mostra muito moderna para entender a espacialidade nos dias atuais.

V - CAPÍTULO 1 – INFLUÊNCIAS E CARACTERÍSTICAS DA OBRA DE RECLUS

Esse capítulo constitui o esforço de analisar as influências sobre o autor e os próximos dois capítulos as suas contribuições.

Devemos, portanto, tomar cuidado ao basear-nos nos trabalhos atuais (mesmo aqueles com o selo Reclus) para compreender o que era o pensamento científico desse último. Com efeito, se sua obra científica não é simplesmente descritiva como quiseram fazer crer os vidalianos e alguns marxistas, ela também não se resume a uma simples justaposição de análises mais ou menos pertinentes, mas relativamente independentes umas das outras. (BOINO, 2008, p. 28).

1.1 Breve histórico de influências do positivismo.

Em grande parte, na história da Geografia classifica-se Élisée como um geógrafo com laços positivistas e ligado a Geografia tradicional, bem como nos evidenciou Cirqueira (2016). Ainda, podemos constatar de base que seus posicionamentos tem fortes influências das aspirações iluministas e também do positivismo em sua constante educação libertária, pois vivenciou de fato o “ar dos tempos em que todos os teóricos, fossem socialistas, liberais, republicanos ou conservadores, desse modo, durante o respectivo século XIX, baseava suas ideias na ciência, e legitimá-las, assim, por ela, fosse por princípio ou por reposta(...)”. (PELLETIER, 2016, p.3).

Esse contexto do positivismo que tomava conta da Europa no século XIX, influenciou largamente diversos pensadores e ciências. Com a Geografia não foi diferente, porém não podemos afirmar de antemão que o Reclus era positivista, visto que para compreender essa temática, necessita-se uma profunda pesquisa.

Ademais, o seu traço positivista pode ser devido a influência de seu professor Karl Ritter, assim como Élisée salienta-se “com o amor pelo solo e o orgulho pela posse, todos os sentimentos e todas as paixões do homem tiveram sua parte nas origens da geografia comparada”. (RECLUS, 2010, p. 84).

1.2 As influências do anarquismo

Segundo Élisée em seu artigo “A Anarquia” de 1894, relata que a anarquia não é uma corrente de pensamento nova, ou uma nova teoria. A palavra “anarquia”, que se configura como “ausência de governo”, ou “sociedades sem chefes”, é de origem muito remota segundo o autor, e foi constituída muito antes de Proudhon.

Nesse caminho, Reclus nos relata que os ácratas surgiram antes dos anarquistas, visto que os ácratas nem tinham imaginado o nome de formação doutra, assim sendo, em todas as épocas houve homens livres, contendores da lei, homens vivendo sem senhores, em direito único e primordial de sua existência e de seu respectivo pensamento. Élisée (1894) esclarece que nas primeiras Eras é relatado em todas as partes do mundo, tribos que são compostas de homens se configurando socialmente a seu bel-prazer, sem uma respectiva lei, não se aplicando outra regra de conduta senão como nos mostra Reclus “querer e franco árbitro”.

A anarquia é tão antiga quanto a humanidade, como nos deixa claro Élisée Reclus (1894): “ao menos aqueles que a representam trazem algo de novo ao mundo”. Nesse trâmite, a influência da anarquia na sua monumental e extensa obra é de grande contribuição para a ciência geográfica, e para sua denominada Geografia Social.

A luta de classes, a busca do equilíbrio e a decisão soberana do indivíduo, tais são as três ordens de fatos que nos revela o estudo da Geografia Social, e que, no caos das coisas, mostram-se bastante constantes para que possamos dar-lhes o nome de leis. Já é muito conhece-las e poder dirigir, segundo elas, sua própria conduta e sua parte de ação na gestão comum da sociedade, em harmonia com as influências do meio, doravante conhecidas e escrutadas. É a observação da Terra que nos explica os acontecimentos da História, e esta reconduz-nos, por sua vez, a um estudo mais aprofundado do planeta, no sentido de uma solidariedade mais consciente de nosso indivíduo, simultaneamente tão pequeno e tão grande, com o imenso universo. (RECLUS, 1905).

Além do mais, mesmo com negacionismo sobre a geografia reclusiana ou sobre os geógrafos libertários, e com o Estadocentrismo da Geografia, não há como negar que Reclus é um dos pilares sustentadores da formulação da ciência denominada Geografia, e podemos dizer que o mesmo foi o primeiro geógrafo crítico? (anarco-crítico) com a sua base geográfica teórica antes mesmo dos marxistas.

[...] acreditamos que o geógrafo francês não se enquadra naquilo que seria conhecido como geografia crítica, visto que essa metodologia está, desde os seus primórdios, pautada pelas ideias marxistas, algo que Reclus sempre combateu nos meios políticos e científicos. Entretanto, o autor

não deixa de ser questionador, asseverando em seus trabalhos as enormes contradições existentes entre as classes sociais do período industrial, demonstrando-nos que a compreensão geográfica anarquista ainda precisa ser fonte de preocupação de um profundo debate epistemológico. (DE PAULA, 2020).

Além do mais, diante de minha análise nos estudos de Reclus, indago se seria devido a sua constituição de ser auto denominado anarquista, que a sua obra foi tão temida aos centros de ciência.

No que tange a luta de classes, temática central no anarquismo e no marxismo, Pelletier (2016) analisa que Yves Lacoste talvez atribuiu uma dimensão como ele classificou como “marxiana” à Reclus e sua obra, pôr a utilização do conceito “luta de classes”. Assim, Pelletier (2016) esclarece que não podemos deixar de levar em conta que foi Proudhon quem inventou e teorizou o conceito “luta de classes” e, em seguida foi absolvido pelos marxistas e aprofundado em seus estudos. Porém, Philippe Pelletier diz que as vezes aplicado de modo confuso, como os exemplos das diferenças que separam Lenin de Bernstein, ou Jaures de Guesde. Desse modo, Élisée Reclus com a sua influência anarquista, opuseram-se definitivamente a Marx e aos marxistas. Se não, como nos faz questionar e pensar Pelletier (2016), essa narrativa científica, e todo nosso esforço teórico, de síntese, é “marxiano”.

O sonho de liberdade mundial cessou de ser uma pura utopia filosófica e literária, como foi para os fundadores das cidades do Sol ou de novas Jerusalém; tornou-se o objetivo prático, ativamente buscando por multidões de homens unidos, que colaboram resolutamente para o nascimento de uma sociedade na qual não haveria mais senhores, conservadores oficiais da moral pública, carcereiros nem carrascos, ricos nem pobres, mas irmãos tendo todos sua parte cotidiana de pão, iguais em direito, e mantendo-se em paz e em cordial união, não pela obediência às leis, sempre acompanhadas por ameaças temíveis, mas pelo respeito mútuo dos interesses e pela observação científica das leis naturais. (RECLUS, 2016 [1894], p. 22).

Élisée Reclus (2016 [1894], p. 33):

O movimento que nos arrebatou não é o fato de simples de energúmenos, ou de pobres sonhadores, é aquele da sociedade em seu conjunto. Ele é necessidade pela marcha do pensamento, agora tornada fatal, inelutável, como o rimbombo da Terra e dos Céus.

Ainda em Élisée (2016 [1894], p. 36):

A miséria une os infelizes em uma liga fraterna: juntos eles têm fome, juntos a saciam. A moral e a prática anarquistas são a regra mesmo nas reuniões burguesas de onde, à primeira vista, parecem nos completamente ausentes.

Segue mais trechos da Geografia de Élisée Reclus e a respectiva influência do anarquismo na mesma, fato pelo qual o geógrafo Reclus é sempre adjetivado “anarquista”, mas pouco se mostra nas pesquisas os desdobramentos do anarquismo e a sua desmistificação, referente sobre o autor e o aprofundamento no tema de modo amplo e coerente.

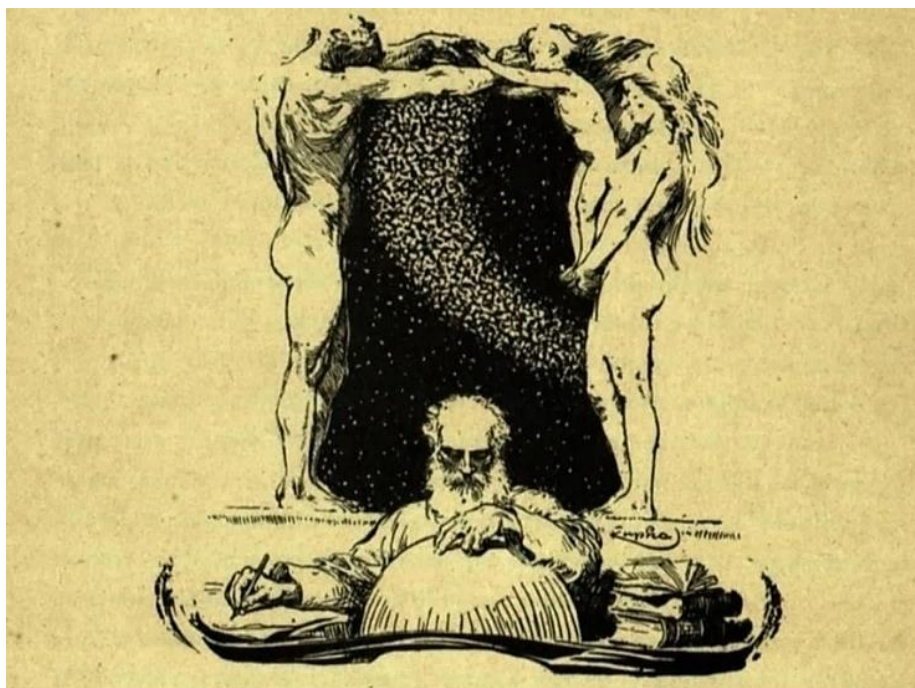
Pois nós, anarquistas, sabemos que essa moral de justiça perfeita, de liberdade e igualdade, é a verdadeira, e a vivemos de todo coração, enquanto nossos adversários são hesitantes. Eles não estão seguros de ter razão; no fundo, estão mesmo convictos de estarem errados, e, de antemão, entregam-nos o mundo. (RECLUS, 2016 [1894], p. 42).

Élisée Reclus (2016 [1886], p. 43):

Somos revolucionários porque queremos a justiça e porque em toda parte vemos a injustiça reinar à nossa volta. É no sentido inverso do trabalho que são distribuídos os produtos do trabalho. O mandrião tem todos os direitos, inclusive o de esfomear seu semelhante, enquanto o trabalhador nem sempre tem o direito de morrer de fome em silêncio: colocam-no na prisão quando é culpado de greve.

A seguir apresenta-se uma imagem original (Figura 1) do prefácio da obra de Élisée Reclus O Homem a Terra, de (1905) com seus 6 volumes, imagem essa extraída da versão de (1906) publicado em língua espanhola, das diversas maneiras de interpretar essas figuras de obras clássicas, consideradas até como obras de artes, no caso Reclus os mapas, as imagens, bem como as fotografias, se mostram incríveis para as ferramentas da ciência da época; E se constituindo nas obras de Élisée Reclus (1830-1905) um verdadeiro laço de geógrafos libertários para cada respectivo grau elevado de detalhamentos das pesquisas e obras, sobre patronagem de Élisée, o ciclo de geógrafos libertários. Sendo assim, a temática de resgate e representação neste trabalho de conclusão de curso é o do constante progresso social, e o geógrafo(a) e sua magnífica capacidade de decifrar o planeta Terra.

Figura – 1 (Élisée Reclus – imagem do prefácio da Obra original: O Homem e a Terra - 1905)



Fonte: O homem e a Terra, Élisée Reclus (1906)

Os ódios religiosos não podem separar-nos, visto que o estudo da natureza é a nossa única religião e que temos o mundo por pátria. Quando à grande causa das ferocidades e das vilanias ela cessará de existir entre nós. (RECLUS, 2016, p. 46).

Élisée (2016, p. 55), “A vingança não faz parte de nossos princípios, pois ódio atrai ódio e temos pressa para entrar numa nova era de paz social”, e assim, constituir o ideal de bem-estar social, em que abarca todos os membros da sociedade, pois “nosso ideal de felicidade não é em absoluto esse egoísmo cristão do homem que se salva vendo perecer seu semelhante e que recusa uma gota de água a seu inimigo”. (RECLUS, 2016 [1901], p. 66).

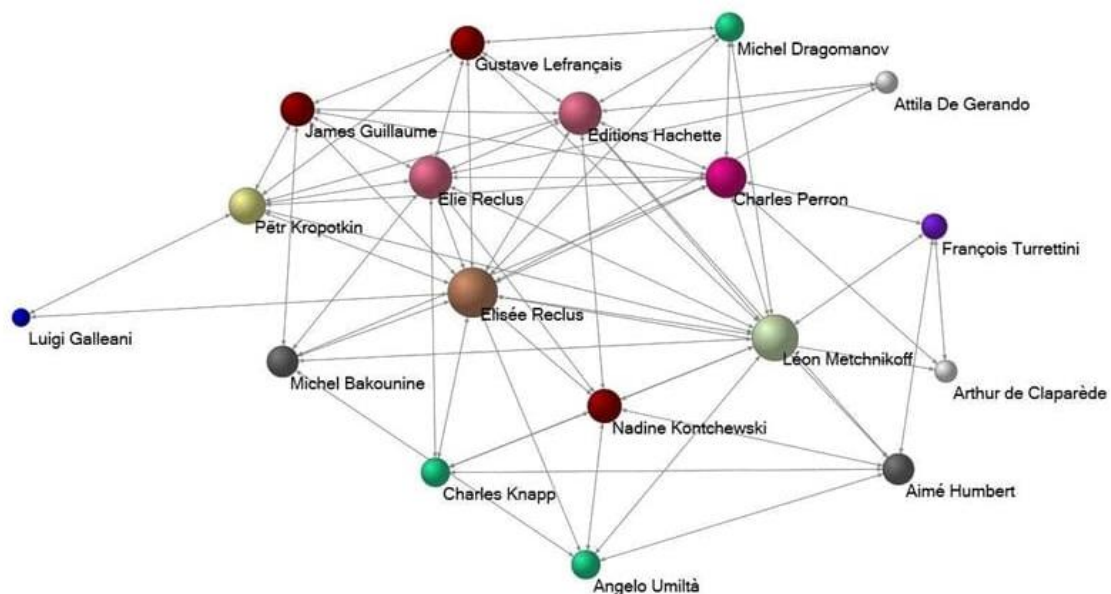
Nossa vitória pessoal não se concebe de modo algum sem que ela torne-se, ao mesmo tempo, uma vitória coletiva; nossa busca de felicidade não pode imaginar-se de outro modo senão na felicidade de todos: a sociedade anarquista não é um corpo de privilegiados, mas uma comunidade de iguais, e será para todos uma felicidade muito grande da qual não temos hoje nenhuma ideia, viver num mundo em que não veremos crianças surradas por suas mães recitando o catecismo, sem famélicos pedindo uma moeda, sem prostitutas entregando-se para alimentar-se, sem homens válidos fazendo-se soldados ou mesmo policiais, porque não têm outros meios para ganhar suas vidas. (RECLUS, 2016 [1901], p. 67).

Outrossim, a influência do anarquismo em Reclus se constitui do anarquismo clássico. Souza (2017) esclarece que Proudhon, Bakunin, Kropotkin, Reclus, Emma Goldman, e muitos outros, são tudo, menos homogêneos e sem polêmicas.

1.3 Por uma Geografia Libertária

A Geografia libertária, ou a geografia feita pelos geógrafos libertários, tem sua base primordial Reclus e Kropotkin, bem como a rede de geógrafos que constituem suas pesquisas e também à parte de pesquisa para os capítulos das extensas obras desses geógrafos primordiais. Geógrafos esses, ainda mais esquecidos e desconsiderados, que merecem o aprofundamento analítico da Geografia atual. O gráfico a seguir representa essa rede de geógrafos e cientistas.

Figura 2 – Gráfico Pajek das redes reclusianas durante o exílio na Suíça (1872-1890)



Fonte: FERRETTI; PELLETIER, 2013

Além do mais, classificamos como libertária essa Geografia, devido ao fato primordial do anarquismo que influencia a análise espacial desses geógrafos. E a constante busca do equilíbrio social, para a construção de uma sociedade essencial para o desenvolvimento digno de toda a humanidade.

Não cabe a essa pesquisa, e acredito não consta na pesquisa de muitos estudiosos dessa temática, a implementação de uma disciplina totalmente libertária à Geografia, pois, todos nós geógrafos sabemos da base estatal, conservadora, e elitista da ciência geográfica, assim sendo, não queremos propor, porém trazer a narrativa dos geógrafos libertários que tanto lapidaram essa ciência dentro da própria e atual configuração acadêmica, é de extrema necessidade e deveres com a História do pensamento geográfico, à Geografia.

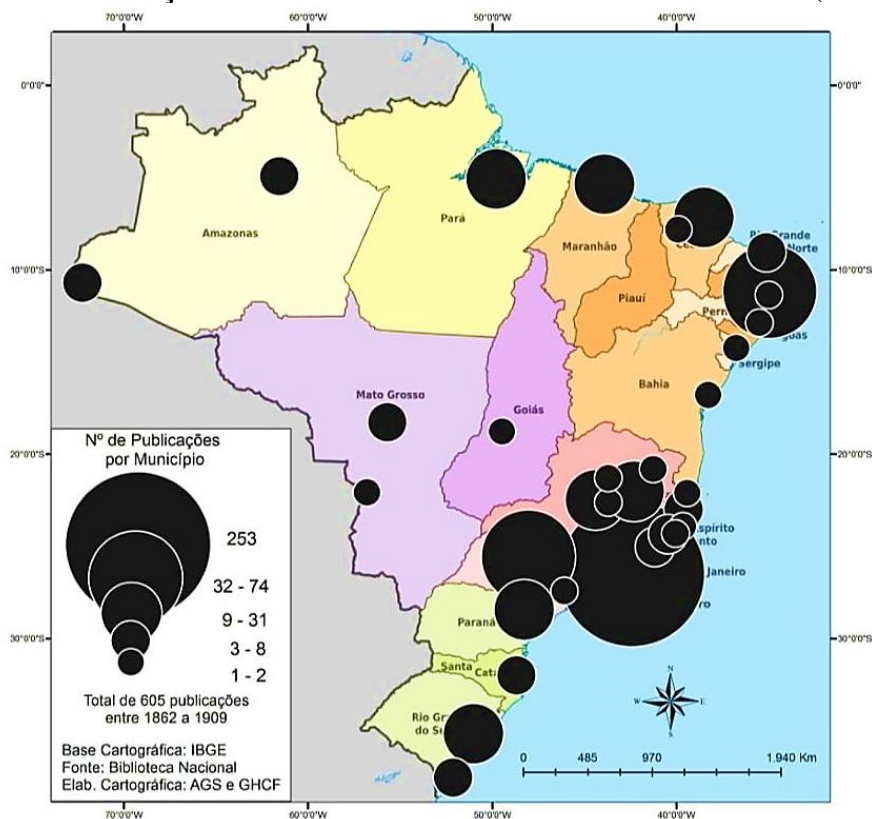
[...] a questão permanece posta quanto a saber se os geógrafos de hoje e de amanhã terão ou não a vontade de reapossar-se desse pensamento para refazer de sua disciplina um instrumento de conhecimento à altura da complexidade do mundo atual. (BOINO, 2008).

Nesse sentido, como dito e alinhado à Souza (2017), com o tópico aqui *Por uma Geografia libertária*, não pretendemos que a Geografia acadêmica se constitua em seu conjunto total feições libertárias, seria irreal e exclusivista. Porém, cabe a nós mostrar que a práxis libertária, a Geografia libertária, pode contribuir e muito para se pensar sempre a espacialidade dos ambientes em desequilíbrio social, os possíveis caminhos de elucidação de melhoria.

Em continuação, por uma Geografia libertária entendemos como terceiro fato uma ciência a serviço de todos, e para todos, uma Geografia que seja não só capaz de identificar os problemas do meio, mas modificar o mesmo para melhor, assim sendo, pela auto denominação Geografia libertária é criada uma rede que interliga pesquisadores da mesma temática, gerando um conhecimento mútuo dentre os pesquisadores.

Já no Brasil, a influência de Reclus é incrivelmente rica, desse modo o geógrafo francês era reconhecido e respeitado na sociedade nacional, bem como renovado pesquisador mundo a fora. A seguir segue um mapa (Figura 2) que representa a influência de Reclus em solo brasileiro, pelo o autor Skoda (2016).

Figura 3 – Publicações sobre Élisée Reclus nos Jornais brasileiros (1862-1909).



Fonte: Adriano Gonçalves Skoda (2016).

A (figura 2) mostra o impacto de Reclus na sociedade brasileira entre 1862 a 1909, no totalizante constata que são 605 publicações em jornais acerca de Reclus, concentrando na capital da época, Rio de Janeiro, mas ressalta-se a diversidade de lugares, em todas as regiões do país teve alguma publicação do geógrafo, “os embates realizados por vezes afirmaram temas sensíveis a algumas regiões e em outros, questões de ordem geral. (SKODA, 2016, p. 118).

Fato importante, para ser relatado no sentido de alimentar possíveis estudos sobre influência reclusiana no Brasil. E como o pensamento de Élisée Reclus influenciou na conjuntura territorial brasileira.

Segundo Souza (2017), por mais de 150 anos os marxistas se constituem esforços para desacreditar e apagar o pensamento e a práxis libertários, sendo assim os seus principais rivais. Dessa forma, tentamos sistematizar de modo breve as duas Geografias que consideramos críticas. Esforço esse de síntese delicado, a classificação sem deixar sobressair um lado ou invalidar as contribuições dos dois campos no meio científico

acadêmico. Impossível avançar nos estudos dessa temática sem analisar criticamente as bases ideológicas.

Quadro 2 – Quadro comparativo entre as geografias críticas.

CATEGORIA	GEOGRAFIA CRÍTICA MARXISTA	GEOGRAFIA CRÍTICA RECLUSIANA
Pensamento / Ideologia	Revolucionários comunistas	Revolucionários libertários
Organização Social	Estado como centralizador do Poder	Indivíduo e associações populares
Dimensão Política	Comunismo Autoritário	Anarco-Comunismo
Relações de Poder	Partidos	Sindicatos
Objetivo / Ideário	Luta de Classes	Luta de Classes
Síntese	Crítica/Abolição do capitalismo	Abolição do Estado e capitalismo

Organização: Walter Luiz Junior.

A relevância em apresentar o quadro a cima intitulado “Quadro comparativo entre as geografias críticas” se faz devido ao fato de os marxistas constituírem todo o controle sobre a criticidade na Geografia.

[...] os libertários são “pequeno-burgueses”, “oportunistas”, “irresponsáveis”, “inconsequentes”, “despreparados teoricamente”, “sonhadores” e “ignorantes”, entre muitos comoventes adjetivos profusamente usados nos panfletos e até em obras “sérias”. (SOUZA, 2017, p. 7)

Não há como deixar de negar a elevada contribuição que o marxismo deu a Geografia, porém são eles os constituintes de um monopólio de pensamento crítico.

Libertários do passado, como os geógrafos Élisée Reclus e Piotr Kropotkin, quando eram e são lembrados por marxistas, comumente eram e são lembrados “museologicamente”: como ancestrais ilustres e valorosos, sim, mas metodológica, teórica e politicamente ultrapassados e despidos de real utilidade (diferentemente, por exemplo de Marx e Engels. (SOUZA, 2017, p. 463).

VI - CAPÍTULO 2 – ESTADO, LUTA DE CLASSES E DESENVOLVIMENTO DO CAPITALISMO

Figura 4 – (Élisée Reclus - O Estado Moderno imagem da Obra original: O Homem e Terra 1908)



Fonte: O homem e a Terra, Élisée Reclus (1908)

O efeito imediato da lei é entorpecer aqueles que a ditaram para um triunfo momentâneo. (RECLUS, 1908. Tradução nossa)

Inicialmente é preciso evidenciar que a analítica espacial de Élisée sobre o Estado/Igreja não é unitária e determinista. Sendo assim, a mesma está diretamente ligada com classes sociais, poder, burocracia, educação, evolução, revolução, anarquia,

patriotismo, nacionalismo, ciência. Reclus põem à tona que a luta contra o Estado é uma luta contra todas as instituições sociais. (DA FONSECA MATEUS, 2012).

A Geografia de Élisée Reclus tem influência direta de seu professor Karl Ritter (1838), que contribuiu através da sua visão antropológica e social com o pensamento geográfico reclusiano, que até então estava imerso por noções especialmente naturalistas (ANDRADE, 1985). Ademais, a concepção de Estado para Élisée Reclus, é através da compreensão da sociedade enquanto uma totalidade, assim sendo, interliga o Estado ao capitalismo e todas suas instituições.

Nessa perspectiva, Reclus (2010 [1905], p.15) exprime que:

Todavia, em tal estudo, é preciso que o investigador se distancie com cuidado de toda tendência ao patriotismo, resto da antiga ilusão segundo a qual a nação à qual se pertencia encontrava-se especialmente designada por uma Providência celeste à conquista das riquezas e à realização de grandes coisas.

Para além, segundo Cirqueira (2016, p. 7), foi Ratzel, contemporâneo de Reclus, que herdará frutos, de forma mais concentrada do que seu colega de turma, os frutos da geografia política do mestre prussiano da Universidade de Berlim, percepção esta que se baseia na relação estreita entre solo e Estado, entre progresso da humanidade e o vínculo com a natureza, em que exprime, assim ser a organização de uma sociedade dependente estreitamente da natureza de seu solo, do seu território, da sua situação geográfica, o conhecimento da natureza física de um país, como as suas vantagens e desvantagens, impulsionam sua história política. Além disso, ainda segundo Ratzel (2003), uma política verdadeiramente prática tem sempre um ponto de partida na geografia. Reclus se libertou dessa geografia política imperialista-colonialista, fraturando esse paradigma com a sua geografia política de cunho libertário.

Nesse trâmite, assim a originalidade presente na geografia reclusiana em meio ao auge da produção científica a serviço dos Estados imperiais é o que põem à tona a potência sísmica do pensamento desse autor da Geografia libertária, explicando assim as razões, motivos dele ter sido reclusado, assim empilhado pela historiografia ortodoxa dominante. (CIRQUEIRA, 2016).

Seguramente como evidencia Cirqueira (2016, p. 9), é impossível discorrer sobre a geografia anarquista sem evidenciar o pensamento de Reclus. Não havendo assim referências científicas nos manuais ortodoxos oficiais de uma geograficidade anterior a

de Élisée, que se retificou à perspectiva da organização espacial pela sociedade, almejando o fim do Estado, em busca de uma sociedade ácrata.

No estado social atual, a existência de uma contradição entre o dever e o ambiente profissional para ganhar pão é sempre perigosa. Colocar-se nas condições econômicas e morais que o antagonismo dos interesses produz na sociedade não pode ser censurado ao médico ou ao farmacêutico que sonha com epidemias e doenças. (RECLUS, 1916, p. 96. Tradução nossa).

O pensamento político atual considera democracia, liberdade e direitos, sempre exclusivamente referidos a um específico território, como põem à tona Eva (2005, p. 61) que a onde possa existir um “Estado de direito”, e a forma consolidada dessa territorialidade é o Estado-nação, porém, o Estado-nação, quando é levado para outras culturas possuidoras de concepções diferentes de relações sociais e, sobretudo, de territorialidade, mostra suas assim limites porque é configurado sobre um laço ambíguo, assim o Estado se reporta aos cidadãos que podem também ser reciprocamente indiferentes e diversos por hábitos e concepções, mas iguais diante da lei, enquanto a nação se refere ao povo que deve codividir uma identidade que enfatize o pertencimento comum.

O educador deve ser tanto o pai quanto o irmão, colocando seu próprio cérebro em comunicação com o cérebro das crianças, claramente apreciando o estado de suas noções conscientes e inconscientes, solicitando que você tenha dirigido um trabalho de pensamento correspondente ao seu próprio eu, e levando-os à compreensão da verdade e à felicidade da ação. (RECLUS, 1916, p. 61. Tradução nossa).

Nesse caminho, a concepção de Estado para Élisée Reclus não passa precipuamente por uma crítica ao Estado em si mesmo, mas sim, por vários outros fatores e determinantes. A discussão acerca da concepção de Estado em Reclus tem uma pertinência analítica sobre o fato de que o Estado instaura em sua base a distinção burocrática de organização a distinção entre dominantes e dominados, trazendo consecutivamente em seu bojo, uma hierarquia para toda a sociedade, já que é “a existência do Estado enquanto princípio de toda forma social que introduz e reproduz, inclusive no seio da revolução, a hetero gestão da vida” (COLOMBO, 2001, p. 30).

Não pode haver saída enquanto o Estado, representado pelo poder pessoal de um ou de vários indivíduos, ou, inclusive, de uma classe inteira, conservar o direito eminente de considerar-se como educador da nação, porquanto, essa educação, ele fará sempre em seu próprio benefício, mesmo com a perfeita ilusão de “devotar-se ao bem do país” (RECLUS, 2010 [1905], p.34).

A crítica ao Estado na perspectiva reclusiana e também bakuninista provem através de suas determinantes fundamentais, sendo a exploração e manutenção de um status quo contrário à liberdade. Assim “a presente função do Estado consiste, em primeiro lugar, em defender os interesses dos proprietários, os ‘direitos do capital’ (...) (RECLUS, 2002, p. 96).

O Estado é analisado como produto coletivo da classe dominante, que se configura, organiza e se fortalece na sociedade capitalista para garantir a reprodução das relações sociais capitalistas, nessa perspectiva, as forças materiais e morais quando a favor do governo, só uma parcela mínima, assim sendo por sua condição de classe, recebe as condições úteis à sua manutenção de existência.

Reclus (2010, [1905], p.19) elabora que:

Assim, pelo jogo incessante dos interesses, das ambições, das forças atrativas e repulsivas, Estados delimitaram-se, aspirando, a despeito de suas vicissitudes incessantes, a uma espécie de personalidade coletiva, exigindo inclusive da parte de seus súditos um sentimento particular de amor, devotamento, sacrifício, que denominam “patriotismo”.

Outrossim, Lopes (2009, p. 165) afirma também nesse sentido, em que no meio universitário francês, sua influência era pouco vislumbrada e decresceu na segunda metade da década de 1920, quando se passou a dar maior visão as obras de Vidal de la Blache, que procurava desenvolver estudos monográficos regionais. La Blache estava também profundamente vinculado ao Estado, diferentemente de Reclus.

Assim os geógrafos conservadores do século XIX, como evidenciado defendiam e se alinhavam aos interesses do Estado, e das classes dominantes, conquistando cada vez mais espaço, cargos e vozes principalmente na França com o governo, que é o país de origem de Reclus. O geógrafo libertário por sua vez, se constitui contra o Estado, e esse estado de coisas provindos das classes dominantes, se alinhado do lado oposto da guerra, com os subalternos, os oprimidos da sociedade, assim foi excluído das cátedras, de seu país e dos compêndios de Geografia.

Assim sendo, o território que é delimitado e governado pelo Estado, para Reclus, cria barreiras artificiais, sendo estas étnicas, culturais e políticas, limitando o desenvolvimento das pessoas. A fronteira administrativa, no seu pensamento representa despotismo e centralismo. Assim, parte seu posicionamento em nega-las, tratando as

fronteiras projetadas e potencialmente aberta a toda penetração humana e cultural (FERRETI, 2014).

No pensamento reclusiano o Estado é uma máquina que deve ser posta a ruína, é uma organização imposta pelos outros, particularmente a elite. Dessa forma, apenas os próprios indivíduos podem guiar suas vidas e lutar contra a opressão. A moral, é precipuamente individual e até certo ponto voluntarista. Nesse viés, sua Geografia está a serviço do projeto político de lutar contra a opressão e de possibilitar através da Geografia a anarquia. Assim constituindo uma sociedade com homens livres e iguais, sem leis e sem autoridades.

[...] o nosso fim é chegar àquele estado de perfeição ideal no qual as nações não terão mais necessidade de estar sob a tutela de um governo ou de outra nação; e a ausência de governo é a anarquia, a mais elevada expressão da ordem. Aqueles que não pensam que a terra deva um dia livrar-se de toda tutela não creem no progresso, são reacionários. (RECLUS, 2002, p. 12).

Além do mais, os territórios para Reclus, antes de serem estatais, deveriam ser comunais, sem divisões territoriais ou fronteiras que separassem ou diferenciassem os homens a partir de nacionalidades, pois isso impedia a fraternidade entre eles. Este pensamento se vinga em suas obras quando ele afirma que as fronteiras naturais, por não serem resultados de leis dos homens, eram as únicas que deveriam ser consideradas, pois as fronteiras políticas tinham a capacidade de separar povos que historicamente executavam a solidariedade. (NOGUEIRA, 2011, p.37).

Assim, o que quer que digam os teóricos que veem no Estado uma espécie de entidade independente dos homens, a história mostra-nos de maneira mais evidente que o governo se apresenta ainda para muitos sob sua forma mais primitiva de violência, aquela do açambarcamento, do capricho, e que o representante por excelência do Estado, isto é, o soberano, dá-lhe forçosamente a direção que provém da resultante de suas paixões e de seus interesses. (RECLUS, 2010 [1905] p. 25).

Através de suas concepções do espaço e sua busca por uma Geografia libertária, Reclus implementa a luta de classe como um fruto das contradições sociais, em que evidencia que a exceção dos povos permanece no “naturalismo primitivo”, assim todas as demais coletividades humanas se dividem em classes ou castas, sendo assim diferentes, além do mais opostas em interesses e em tendências e declaradamente inimigas em todos os períodos de crise. Ademais, com esses processos, salienta-se que o surgimento do Estado não só rescindiu a primitiva relação harmônica entre o homem e o meio natural, como também constituiu uma sociedade configurada entre dominantes e dominados.

[...] é marcado por constituições, cartas, estatutos que devem forçosamente mudar com o tempo, não apenas porque a nação à qual são aplicados evolui mais ou menos rapidamente, mas também porque essas convenções, promulgadas com tanta solenidade, não são absolutamente obras originais, provindo da vontade precisa do povo; são em sua maioria cópias, mais ou menos hábeis, de outros documentos do mesmo gênero, e, assim como as leis, representam sempre os interesses exclusivos da classe dominante (RECLUS, 2010 [1905], p. 28).

Para mais, o Estado e a Igreja são para Élisée Reclus instituições que condiciona a autoridade sobre as consciências, testemunha o poder e a dominação, em vista disso são inimigos do pensamento, da liberdade. Contrariando o pensamento reclusiano, em que o homem precisa ser livre e conhecedor do seu meio e amarras, condição essa para o progresso social dos povos.

Em vão alguns teólogos, versados ao mesmo tempo nas ciências profanas, eles protestam contra este estado de coisas, promovidos, eles não devem esquecer-lo, por si só, e acreditar no primeiro capítulo da Gênese. A religião proíbe o homem de alcançar a fruta da árvore da Ciência, muito deleitada para nós, e agora a ciência revela, por sua vez, que os frutos da religião não alimentam o homem. (RECLUS, 1916, p. 11).

A autoridade da classe dominante através do Estado e da Igreja minimiza as lutas de classes, que é uma das condições para se alcançar o progresso na relação sociedade natureza, relação essa de harmonia do homem com a terra. Assim o Estado é responsável pela falta de equilíbrio social dos indivíduos.

O homem pode por muito tempo crer-se impotente ante os perigos dessa natureza, e essa própria impotência era uma das causas pelas quais ele invocava um salvador providencial. Mas a ciência forneceu-lhe agora os meios para lutar (RECLUS, 2010 [1905], p. 30).

A análise de Reclus põe a serviço de todas as relações de poder do Estado, da Igreja, e as injustiças das relações trabalhistas, constituídas na evolução da relação rural e urbano e os avanços das relações capitalistas. Assim desde muito jovem Élisée Reclus ainda morando com sua família na França, demonstra seu interesse em entender seu meio e a espacialidade que os membros de sua família estavam inseridos, e assim passa a questionar essa relação de poder do Estado e da Igreja, como bem nós evidenciamos Nabarro (2020) em suas pesquisas.

Nota-se que, desde muito cedo, ainda no seio familiar, Reclus possuía referências comportamentais questionadoras. A situação social/profissional dos pais observadas durante toda a infância bem como as histórias de luta e resistência envolvendo outros membros de sua família extensa (avós³, tios e primos), foram importantes para que, anos

mais tarde, Reclus começasse a questionar os poderes constituídos, sobretudo, Estado e Igreja. (NABARRO, 2020, p. 1024).

A Geografia de Reclus se distancia dos seus contemporâneos e dos fundadores, que estavam alinhado a uma geograficidade para o Estado ou a serviço do mesmo, sua ruptura de uma Geografia que pode ser vista muitas vezes como conservadora, fez com que ele fundasse ou lançasse frutos para uma Geografia do futuro, geograficidade essa que é e pode ser entendida, bem como ele mesmo se alto declarava como uma Geografia Social, uma ciência ligada aos oprimidos da sociedade para assim lhe-dar vozes, e para constituir uma ciência participativa, que abria a possibilidade dos oprimidos entender a espacialidade que estavam inseridos, entender seu meio e limitações impostas pelo poder da classe dirigente, o poder do Estado, bem como a religião sobre os indivíduos.

Os feudos da Igreja tendo sido distribuídos aos nobres por Henrique VIII, os novos cessionários haviam-se servido de seu direito legal para expulsar todos os aldeões que lhes pareciam inúteis e substituí-los por rebanhos. Revoltas, pilhagens foram a consequência disso, mas o Estado havia mantido a “ordem” por massacres. (RECLUS, 2010 [1905], p. 53).

Nesse contexto, a crítica do Estado em Reclus é alta e intensamente rica, e além dessa temática ter ficado por muito tempo excluída da pauta epistemológica da Geografia, hoje é evidente a importância para assim entender das lógicas da produção do espaço. Raffestin (1993), entre outros nos esclarece sobre os problemas epistemológicos do “Estadocentrismo” na Geografia. Élisée Reclus, sem alarde nos permite encontrar os caminhos para a superação dessa problemática.

Aqueles que unem o poder ao conhecimento irão, sem dúvida, intervir antes que todos esses males desapareçam por si mesmos. Não será suficiente ditar leis ou delegar poder popular para destruir todas as más instituições; o movimento histórico certamente trará à cena revolucionários que colocarão suas mãos a serviço de suas ideias, demolindo quartéis e bordéis, guichês de consumo e alfândega, quartéis de *gendarmes*, cadeias e prisões. (RECLUS, 1916, p. 102. Tradução nossa).

O núcleo do pensamento de Élisée Reclus se faz por analisar e tratar os problemas de sua época, mas pondo a ciência como o caminho para libertação, é uma ciência oposta ao Estado ou a serviço. Ademais, Nogueira (2011) nos mostra que o seu contemporâneo Friedrich Ratzel, embaralha Povo com Estado, enquanto Élisée Reclus dá elevada importância as contradições de classe e diferencia o Povo dos aparelhos de Estado que assim os controlam. Nesse viés, segundo Boligian Neto (2017) uma das premissas fundamentais que exalam na concepção reclusiana de fronteira é o caráter internacionalista da luta contra o capital e o Estado.

No pensamento reclusiano a abolição dos Estados nacionais seria para a formulação e construção de uma sociedade de homens livres, teria como ponto de partida a destituição das relações de poder.

Um fato capital domina toda a civilização moderna: o fato de que a propriedade de um único pode crescer indefinidamente, e, inclusive, em virtude do consentimento quase universal, abarcar o mundo inteiro. O poder dos reis e dos imperadores é limitado, aquele da riqueza não o é absolutamente. O dólar é o senhor dos senhores: é por seu valor, antes qualquer outra razão, que os homens estão diversamente repartidos sobre a superfície da terra, distribuídos aqui e acolá nas cidades e nos campos, nas oficinas e nas fábricas, conduzidos de trabalho em trabalho, como o seixo de praia em praia. (RECLUS, 2010 [1905], p. 43).

Outrossim, o Estado-Nação se constitui como ordem social, que no bojo dessa temática está o patriotismo, em que o Estado se capta desse sentimento de nacionalidade, para assim instituir a chamada “defesa nacional”, que é muitas vezes defendida por unhas e dentes pela população subalterna em um viés de sentimento de integridade a pátria, porém é um jogo de relação e poder da classe dominante sobre os dominados. Élisée Reclus, põem à tona que a pátria é universal, no sentido para integração de todos os povos, pensamento esse universalista, fraternal e humano.

Longe de todo controle durante quatro, sete ou nove anos de seu mandato, sem ignorar a impunidade adquirida para atos delituosos, o eleito encontra-se imediatamente exposto às seduções de todos os tipos às quais o submetem as classes dirigentes: o recém-chegado inicia-se na tradição legislativa sob a conduta de veteranos do parlamentarismo, adota o espírito de corpo, é solicitado pela grande indústria, pelos altos funcionários e, sobretudo, pela finança cosmopolita. Mesmo quando o Parlamento é composto em sua maioria por pessoas honestas, desenvolve-se ali uma mentalidade especial, completamente feita de tratativas, compromissos, palinódias, transações que não devem chegar aos ouvidos do grande público, negociadas de corredor encobertas por alguma brilhante justa entre tribunos experimentados. Todo caráter nobre é aviltado, toda convicção sincera contaminada, toda vontade reta aniquilada. (RECLUS, 2010 [1905], p. 48-49).

Para mais, o progresso para o autor realiza-se por simples evoluções pacíficas, assim sempre, se deu pela revolução repentina. Élisée (2016, p. 45) evidencia que “queremos manter nosso espírito aberto, prestando-se de antemão a todo progresso, a toda nova ideia, a toda iniciativa generosa”. Nesse viés, a classe possuidora e governante segundo Reclus é inimiga de todo o avanço e progresso.

A demissão de um operário, uma greve local, um massacre fortuito, podem ser a causa da revolução, do mesmo modo que uma simples faísca pode acender explosivos. É que o sentimento de solidariedade cresce

cada vez mais e que todo tremor local tende a estremecer a humanidade. (RECLUS, 2016 [1893], p. 51).

A sua análise espacial se faz como ele relata de antemão a Igreja, e devido da influência anarquista, o autor analisa que:

Por sinal, essa luta encarniçada não deve impedir de maneira alguma que conservemos o respeito pessoal e toda a simpatia humana por cada indivíduo cristão, budista ou fetichista desde que sua força de ataque e de dominação tenha sido vencida. Começaremos por nos libertar, depois trabalharemos pela libertação do adversário. (RECLUS, 2016 [1901], p. 53).

De mais a mais, Élisée (2016 [1901], p. 54):

Pois bem! É justo, é legítimo que pessoas, dizendo-se e crendo-se, inclusive sagradas para exercer a dominação absoluta sobre o gênero humano, imaginem que sejam os detentores das chaves do céu e do inferno, concentrem a toda força de seu ódio contra os reprovados que contestam seus direitos ao poder e condenam todas as manifestações desse poder: “Exterminai! Exterminai!” – tal é a divisa da Igreja, como nos tempos de São Domingos e de Inocêncio III.

Os camponeses e os operários, tem agora uma ideia sobre a ciência e sem conhecê-la ainda como nós, em Reclus (1901), eles aguardam, tornam-se pagãos, confiando cegamente nas forças da natureza. Assim, aqueles que fazem dinheiro com a fé, são muito mais perigosos que os cristãos põem à tona.

Em massa, colocaram-se atrás dos reis, dos príncipes e dos ricos, e para os humildes só sabem reivindicar a caridade, não a justiça, um canto modesto no paraíso futuro, e não um amplo e belo lugar ao bom sol que hoje nos ilumina. (RECLUS, 2016 [1901], p. 64).

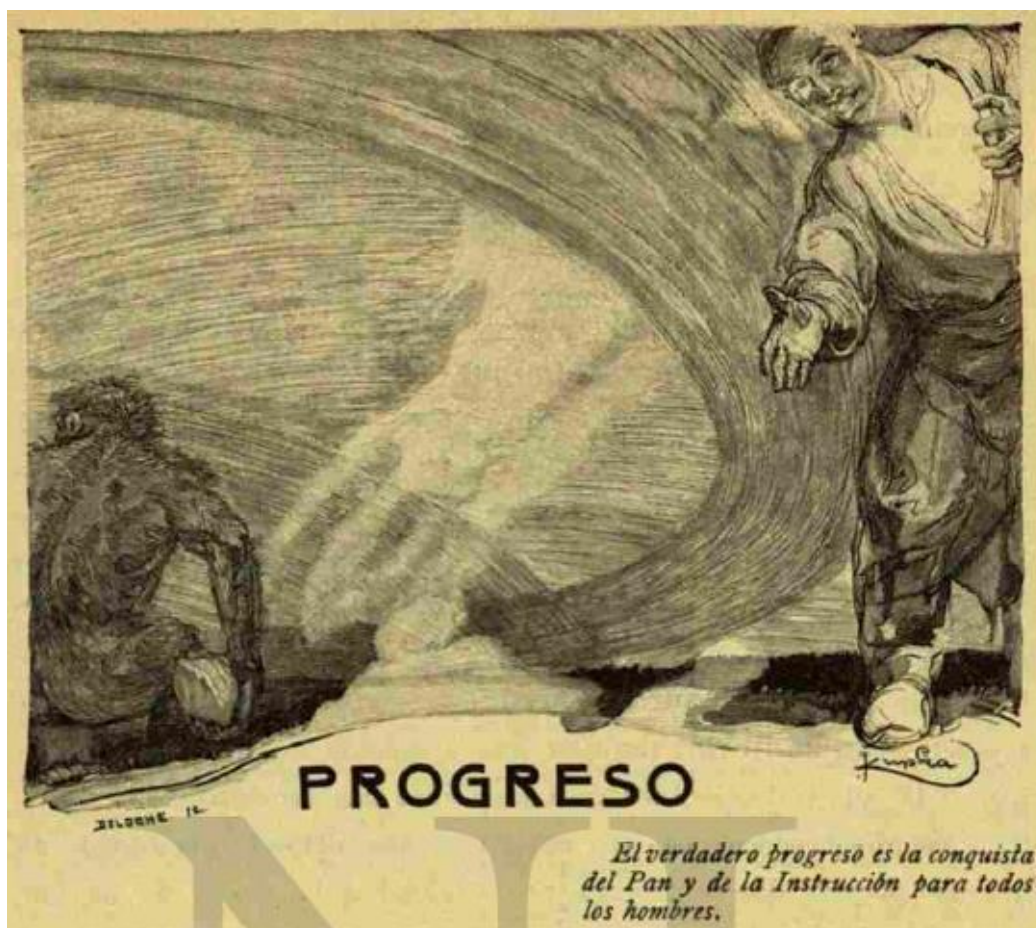
Élisée (2010 [1894], p. 96):

Enquanto cristãos esperam ainda um milagre para que a terra se divinize, sob o governo direto de um “Rei de Glória”, outros homens de ideal pensam em humanizar a grande pátria, unir-se com ela de modo mais íntimo, fazer dela uma residência de felicidade para todos aqueles nela se encontram.

Para além do capítulo já descrito acima sobre o Estado, relações entre sociedade civil e Igreja, Lutas de Classes e o avanço do Capitalismo, partirei a discorrer a respeito das suas respectivas contribuições para a Geografia, sobressaindo-se o progresso.

VII - CAPÍTULO 3 – CONTRIBUIÇÕES DE RECLUS PARA UMA GEOGRAFIA CRÍTICA “LIBERTÁRIA”

Figura 5 – (Élisée Reclus – O Progresso imagem da Obra original O Homem e a Terra – 1908)



Fonte: O homem e a Terra, Élisée Reclus (199)

O verdadeiro progresso é a conquista do pão e da instrução para todos os homens. (RECLUS, 1908. Tradução nossa).

As contribuições do geógrafo anarquista Élisée Reclus para a Geografia foram sempre abafadas ou até mesmo escondidas na constituição da história da Geografia, e essa sistematização do saber geográfico durante a história se reflete nos dias atuais, principalmente na Geografia acadêmica em que, refletir, considerar, e compreender a extensa obra de Élisée Reclus não se configura corriqueiro. Nessa perspectiva, o que

assim gerou a negligência da Geografia de Reclus, não foi a insuficiência teórica de seu pensamento, ao avesso, é uma Geografia alinhada com a mais recente teoria social crítica, com o objetivo para uma sociedade igualitária, moderna e humana. É uma Geografia do futuro. (CIRQUEIRA, 2016).

[...] o grande pensador anarquista, a geografia não somente não pode ignorar os problemas políticos, mas ela permite colocá-los melhor, ou revelar a importância dos mesmos. [...] ... seu nome foi cuidadosamente esquecido na Universidade, em particular por aqueles que ‘pilham’, sem vergonha, os dezenove tomos de sua grande Geografia Universal, às vezes para se utilizar de numerosas passagens dessa obra naquela que estava colocada sob a patronagem de Vidal. (LACOSTE, 1988, p. 105-106).

O geógrafo Élisée era declaradamente anti-marxista, assim restava a ele a defesa de uma metodologia de análise positivista, extenso arcabouço teórico daquele momento histórico. (ANDRADE, 2008). Outrossim, anteriormente à Vidal e Reclus, a Geografia francesa era no seu coração um instrumento poderoso nas mãos das classes dirigentes no plano político e econômico. É importante recordar que entre os anos de 1870 e 1914, a França se encontrava na lembrança sangrenta da Comuna de Paris, e estava inserida em uma nuvem de chauvinismo revanchista em relação à Alemanha. (BOINO, 2008).

Nesse processo, e nessa ambiguidade de contexto científico e político, que os geógrafos franceses se alinharam entre as abordagens reclusiana e vidaliana. Não era a questão de ver qual era mais científica que a outra, mas sim qual das duas era capaz de reconhecer sua disciplina como científica no âmbito da universidade. La Blache era expressamente adepto de uma politicagem conservadora, preconizava uma Geografia que não abordava a questão social, para se alinhar estritamente no estudo das paisagens e dos tipos de vida. Nesse trâmite, a Geografia vidaliana podia esperar obter o título científico tornando-se neutra politicamente. (BOINO, 2008).

Para o Élisée a Geografia devia ser um meio para compreender o planeta terra, analisar seus desequilíbrios, tentar circunscrever qual poderia ser o seu respectivo equilíbrio, além disso, deveria ser um instrumento para capacitar cidadãos no sentido libertário, um instrumento de ação política.

De fato, na Bélgica (como na França), os geógrafos batalhavam para ingressar na universidade, mas sem dispor de personalidade internacionalmente reconhecida, alguns viram em Reclus o portador possível de um reconhecimento oficial de sua disciplina como tão bem ressaltou Charles Vandermotten (presidente da Société Royale Belge de Géographie) durante o colóquio de Bruxelas. Da mesma maneira, o

estudo do contexto e do que está em jogo também permitiria esclarecer não-referência a Reclus pelos partidários da Geografia Radical, durante os anos de 1950. (BOINO, 2008, p. 22).

Nesse caminho, se Reclus fosse um intelectual de cunho marxista bem como nos evidenciou Yves Lacoste, sem alarde sua monumental obra teria sido exumada desde essa época. Os geógrafos radicais não só eram marxista, mas também estavam conexos diretamente ao Partido Comunista Francês, quando não eram filiados ao mesmo. Paul Boino (2008) ainda nos evidencia que no resgate nos anos 1970 de Reclus, se deve ao fato da crise existencial em que se encontrava a Geografia, e a questão de que servia de fato essa disciplina. Para Lacoste e Brunet tendências da Geografia francesa atual, evidenciaram esse debate epistemológico.

Nesse sentido, um importante expoente da chamada Geografia Crítica no Brasil, Antonio Carlos Robert Moraes, em seu clássico, “Geografia: Pequena História Crítica”, aponta que a contribuição epistemológica de Reclus foi inexistente, importando apenas a sua atuação política. (DE PAULA, 2020).

Esse respectivo estudo, essa narrativa científica está de acordo com Boino (2008) que não há dúvidas de que o resgate é devido à crise existencial da Geografia, corresponde à busca de um pai fundador mais original que Vidal ou Marx, que foi aluno das aulas públicas de Karl Ritter, na universidade de Geografia daquela época, juntamente com Reclus e Ratzel. Porém Marx nunca fez de fato Geografia e que propõem uma análise anespacial. Já no Brasil, na virada crítica, podemos afirmar que houve também o resgate, mas de forma tendenciosa para inferiorizar a obra de Reclus e tratar como peça de museu. A obra de Reclus não é simplesmente descritiva como exaltam os vidalianos e alguns marxistas.

Discutindo a separação espacial entre bairros ricos e pobres, Reclus foi um pioneiro na discussão sobre a segregação sócio-espacial, determinando a compreensão da cidade não mais dentro dos parâmetros mnemônicos, tão comuns aos seus contemporâneos. Diferente dos geógrafos críticos da década de 1970, Reclus, em sua obra, não se pautou apenas e tão somente nos aspectos humanos e, principalmente, recusou se orientar por uma separação entre a geografia física e a geografia humana, tão comum ainda nos dias de hoje nos meios acadêmicos. (DE PAULA, 2020).

Cabe também nos recordar, que Ratzel e sua Geografia influenciaram a legitimar a expansionista dos nazistas (a conhecida teoria do espaço vital). As análises de Reclus são diamante, pois provou que uma geopolítica não-fascista é verdadeiramente possível.

A abordagem de Reclus, avesso a de Ratzel, evita cair no simplismo geografismos (BOINO, 2008).

Seguramente, ainda em Boino (2008) a superioridade de Reclus sobre Ratzel se faz devido ao espaço às contradições de classe. Assim, Reclus pesquisou estruturas espaciais, como as redes de cidades, e se aprofundou em traçar determinantes naturais e sociais para constituir a sua contribuição para a formação e evolução desses espaços. Reclus se opõe ao darwinismo social, que seria a construção ideológica produzida pela elite. E também, se faz diferente do materialismo histórico dialético. O método de Reclus é dinâmico, uma espécie de dialética serial, que ele herda do pensamento de Proudhon.

Verifica-se, portanto, que uma característica marcante do pensamento ácrata reclusiano é o reconhecimento do potencial da educação, tanto como um instrumento de legitimação do poder hegemônico (impondo e reproduzindo uma “ordem” social de acordo com os interesses dominantes), quanto como potencial instrumento de conscientização e emancipação do espírito humano. (NABARRO, 2022).

Élisée Reclus, evidencia em sua Geografia que a ciência geográfica não é pronta, mas se constrói no cotidiano, no qual, pode ser construída pela população subalterna, no viés de ser o homem consciente de seu meio e amarras. Conforme esclarece Moreira (2015, p.26): (...) para Reclus, como militante de uma ciência libertária, deixando sempre o homem diante de si como um ser conscientemente livre e atuante (‘o homem é a natureza adquirindo consciência de si própria’, diz em *A terra*), um homem conhecedor e consciente da sua condição natural, do seu meio e limitações, de ser humano racional, sujeito de si mesmo na história. Orienta Reclus (...) sua concepção do homem criador do seu espaço-tempo por sua ação consciente, sua vida igualitária, sua inserção solidária na comunidade.

Seus trabalhos cobrem o conjunto do campo da geografia, tanto em geografia humana quanto em geografia física (*o principal é La Terre, description des phénomènes de la vie du glob*, 1883) pois Reclus defendia a unicidade da Geografia. Para ele, os geógrafos não devem fazer um pouco de tudo (portanto, nada), mas, ao contrário, ser capaz de analisar fenômenos físicos (o relevo, por exemplo) e naturais (o mundo vegetal e animal), quanto humanos e sociais. (BOINO, 2008)

Manuel Correia de Andrade (1985, p. 21) evidencia que “para compreendemos a contribuição do geógrafo anarquista Élisée Reclus, no campo político e geográfico, se faz necessário analisar a diferenciação de seus pensamentos entre o demais, sistematizadores da história da geografia”. Para Reclus, o Progresso é um fenômeno contraditório por essência, no qual, aos progressos, ele opõe os retrocessos. No qual, toda modificação,

qual quer que seja a sua importância, se realiza-se pela junção ao progresso de retrocessos correspondentes.

[...] O escravo, e podemos mesmo dizer, de uma maneira geral, o homem cuja vida foi regulada desde sua infância e que não aprendeu a estabelecer claramente a comparação entre dois estados sucessivos muito distintos de seu meio, acostuma-se facilmente à rotina imutável da existência, por mais vulgar que seja: ele pode viver sem se queixar, como a pedra ou planta invernando sob a neve. (RECLUS, 2011 [1905], p. 55).

O progresso reclusiano tem suas raízes na simplicidade, mas é complexo para as classes dominantes, é a sociedade e natureza em cooperação, nesse sentido, Reclus, Paul Vidal de La Blache e Jean Brunhes têm em comum o mesmo momento histórico, vivem uma mesma espacialidade de tempo, em que é tratado nos seus livros os mesmos temas de época, porém, os textos de Reclus adianta a Geografia de tom social e político. (MOREIRA, 2012).

Reclus (2011 [1905], p. 26):

Pode-se constatar, assim, inúmeros casos no quais a superioridade moral, tanto quanto uma apreciação mais serena da vida, encontram-se em sociedades ditas selvagens ou bárbaras, muito inferiores à nossa pela compreensão intelectual das coisas.

Élisée exprime que a sociedade atual constitui todas as sociedades anteriores, e pelo efeito do contato as situações deslocam para um desvio arrebatador. Assim, o progresso dos indivíduos se embaralham com aquele da sociedade, unida por laços de solidariedade cada vez mais íntima. A ideia de progresso está avesso com a ideia da Igreja.

De que cantos de triunfo em honra ao progresso não foram acompanhadas as inaugurações de todas as fábricas industriais com seus anexos de cabarés e hospícios. (RECLUS, 2011 [1905], p. 13).

Com a etnografia, influência de Karl Ritter, ou Geografia comparada, Reclus diz que a diferença entre a civilização de uma tribo primitiva, pouco influenciada pelas comunidades vizinhas, e pela civilização das grandes sociedades políticas modernas, consiste no caráter simples de uma, e no caráter complexo da outra. As tribos primitivas, com pouco conhecimento ou desenvolvimento científicos, se constituem apenas possuidoras de artes rudimentares, e as configuram com uma vida sem grande variedade, constituíram um estágio de justiça mútua, de bem-estar, solidariedade, e felicidade, e assim como evidencia Élisée, superam grandiosamente as características de nossas sociedades modernas, infinitamente complexas. Que foram conduzidas pelos progressos

parciais. [...] “Podemos ser elevados a crer que esses primitivos eram superiores a nós e que regredimos nos caminhos das eras”. (RECLUS, 2011, p. 31).

A ação do homem dá, ao contrário, a maior diversidade de aspecto à superfície da terrestre. De um lado, ela destrói, do outro, melhora; segundo o estado social e os progressos de cada povo, ela contribui ora a degradar a natureza, ora a embelezá-la. (RECLUS, 2010 [1894], p. 53).

Nesses marcos, todas as nações, e aquelas que se declaram inimigas umas das outras, não configuram, a despeito de seus chefes e malgrado as sobrevivências de ódios, se não uma única nação cujos progressos locais, todos, reagem sobre os conglomerados e constituem um progresso geral. (RECLUS, 2011). A extensão dos campos de conhecimento, que cresceram com as revoluções e os séculos, representam um dos principais elementos do progresso.

Doravante, senhores do espaço e do tempo, os homens veem abrir-se diante deles um campo indefinido de aquisições e progressos, todavia, ainda embaraçados pelas condições ilógicas e contraditórias de seu meio, eles não estão absolutamente em medida de proceder com ciência à obra harmônica de melhoria para todos. (RECLUS, 2011 [1905], p. 48).

Teoricamente, para Élisée Reclus, se situarmos o pensamento fora do caos dos interesses em luta, se torna extremamente fácil ver que a maior conquista, é a obtenção do pão para todos os homens, para todos os “irmãos”. Nesse caminho, quando todos tiverem o que comer, todos se sentirão inteiramente iguais.

Ora, eis precisamente o ideal que já haviam sabido dar-se muitas pequenas tribos distantes das nossas grandes rotas de civilização, e é o ideal de solidariedade que temos de resolver o mais rápido possível se todas as nossas esperanças de progresso não forem a mais cruel das ironias. (RECLUS, 2011 [1905], p. 49).

Ainda em Reclus (2011 [1905], p. 49) na obra O Homem e Terra, respectivamente no capítulo: O progresso, revela:

Um dos fatos estranhos que mais os impressionaram é que havia “entre nós homens cheios e abarrotados de todos os tipos de comodidades, e que a metade deles (compatriotas) mendigava nas portas dos outros, mortos de fome e pobreza; e achavam estranho como essa metade necessitada podia suportar tal injustiça sem avançar em seus pescoços ou pôr fogo em suas casas”.

Por isso, a conquista do pão, e respectivamente com o real progresso exige, deve ser realmente uma conquista, não é o simples fato de comer o pão, mas de consumir o pão devido ao seu direito de ser humano, e não à caridade de algum grande político ou empresário. Como já evidenciado, “O fato geral é que toda modificação, por mais

importante que seja, realiza-se pela adjunção ao progresso de retrocessos correspondentes”. (RECLUS, 2011, p. 54). “Ora, um progresso nunca vem sozinho; ele completa-se, repercute-se em outros progressos no conjunto da evolução social” (RECLUS, 2011, p. 60).

Eis, portanto, a questão social que se coloca de novo e em toda a sua amplitude. É impossível amar plenamente o selvagem primitivo, em seu seio natural de árvores e riachos, se não ama ao mesmo tempo os homens da sociedade mais ou menos artificial do mundo moderno. (RECLUS, 2011 [1905], p. 66).

À vista disso, o laço do civilizado com o selvagem e com o meio natural só pode se constituir pela destruição das fronteiras entre as castas bem como a fronteira entre todos os povos.

Sob as mil aparências cambiantes da superfície, o trabalho realiza-se nas profundezas das nações graças ao conhecimento crescente que o homem adquire de si mesmo e do próximo: ele chega cada vez mais a encontrar o fundamento comum pelo qual nós nos assemelhamos, a liberar-se da desordem das opiniões superficiais que nos mantinham separados; caminhos, portanto, para a conciliação futura, para uma forma de felicidade bem mais ampla do que aquela com que se contentavam nossos antepassados, os animais e os primitivos. Nosso mundo material e moral tornou-se mais vasto, e ao mesmo tempo mais ampla nossa concepção da felicidade, que doravante só será considerada com tal sob a condição de ser partilhada por todos, de se fazer consciente, racional e compreender em si as buscas apaixonantes da ciência e as alegrias da beleza antiga. (RECLUS, 2011, p. 66).

Todos os homens devem ser acolhidos como iguais esclarece o autor libertário, nas suas respectivas potencialidades e dignidade, se configurando um apoio mútuo que nos evidenciou seu amigo de luta e de ciência Piotr Kropotkin, ajudando os mais fracos com a nossa força moral e intelectual, os enfermos devolvendo-lhes a saúde, as inteligências, e lhe oferecendo o aporte teórico da ciência, para solevar os espíritos aos pensamentos elevados, com a preocupação do fazer o melhor para os outros, e constituir o melhor para si mesmo.

Tornado “a consciência da terra” o homem digno de sua missão assume por isso mesmo uma parte de responsabilidade na harmonia e na beleza da natureza circundante. (RECLUS, 2010 [1894], p. 54).

“[...] pois constituímos um todo, e, de progresso em progresso, bem como de recuo em recuo, a evolução produz-se de uma extremidade do mundo à outra”. (RECLUS, 2011, p. 68). Além do mais, não é a existência pessoal e coletiva que constitui a felicidade, é a consciência de trilhar um caminho para um determinado objetivo, que segundo Élisée queremos e construímos por nossa vontade.

Eu poderia citar em primeiro lugar diversas tribos ditas selvagens, que, inclusive atualmente, vivem em perfeita harmonia social sem necessitar de chefes, leis, cercas, força pública; mas não insisto nesses exemplos que têm, contudo, sua importância: eu temeria que me objetassem a pouca complexidade dessas sociedades primitivas, comparadas ao nosso mundo moderno, organismos com uma complicação infinita. (RECLUS, 2016 [1894], p. 33).

O anarquismo de Élisée Reclus é indissociável da sistematização de sua “Geografia Social” (ANDRADE, 1985) ou “Geografia da Práxis” (MOREIRA, 2015). Ao compararmos sua trajetória de vida nas condições histórico-espaciais em que viveu, podemos notar também que os acontecimentos que marcaram e motivaram sua vida refletiram em sua extensa produção científica. Importantes trabalhos caracterizaram a vida e a obra de Élisée Reclus. Muitos evidenciado até mesmo a impossibilidade de separação entre o Reclus geógrafo e o Reclus anarquista (LACOSTE, 1981, ANDRADE, 1985).

A discussão sobre evolução no pensamento ácrata de Reclus, um dos princípios primordiais seria de que o homem não nasce nem mau, nem bom, nem neutro; mas possui facilidades, ou aptidões, que o meio desenvolve e aplica sentido (PELLETIER, 2011, p. 17). Nesse sentido, a organização da sociedade, imposta pelo poder dominante, cria regras, normatizações e costumes (originários também dos princípios religiosos), que visam moldar o indivíduo para que haja um controle social, o que contraria os fundamentos libertários de evolução e felicidade, como põem à tona o autor libertário.

O homem pode por muito tempo crer-se impotente ante os perigos dessa natureza, e essa própria impotência era uma das causas pelas quais ele invocava um salvador providencial. Mas a ciência forneceu-lhe agora os meios para lutar (RECLUS, 2010, p. 30).

Reclus (2011, p. 13):

Alguns grandes espíritos não se contentam em admitir essas restrições capitais à noção do progresso, eles negam inclusive que possa haver melhoria real no estado geral da humanidade. Toda impressão do progresso seria, segundo eles, pura ilusão e só teria um valor completamente pessoal. Na maioria dos homens, o fato da mudança confunde-se com a ideia de progresso ou retrocesso segundo ele aproxima-se ou afasta-se do grau particular ocupado pelo observador na escala dos seres.

Para os geógrafos anarquistas, uma das premissas fundamentais pelas quais transitam seus saberes e ideias é a educação popular, atribuindo grande importância de tornar iguais os militantes, sem que os intelectuais constituíssem um grupo dirigente. Nesse caminho, os intelectuais anarquistas tentaram desenvolver uma temática que

pretendesse o desenvolvimento das liberdades e lutas sociais. Não são nem vanguardistas, nem orgânicos; são organizadores culturais no sentido da difusão do conhecimento por meio de três vias: a construção de escolas modernas, a imprensa popular e a organização de uma educação popular e laica (ROSA, 2013).

Reclus (2011 [1895], p. 88):

Mesmo em certas obras de elevado saber, nas quais não se esperaria encontrar tais pobreza, lemos referências a “ciência alemã” ou “ciência francesa”, “ciência italiana”, como se a própria noção do livre conhecimento não excluísse todas as sobrevivências de fronteiras e inimizades nacionais.

Outrossim, Vitte (2009) e Moreira (2009) demonstram o momento rico em que Humboldt e Ritter estavam configurados, no qual se ligavam de forma atenta e atualizada ao passado e aos seus contemporâneos, e ao mesmo tempo, lançaram o referencial de uma geografia do futuro, que ressoou profundamente em Élisée Reclus, Friedrich Ratzel e em Paul Vidal de La Blache. A metodologia comparativa da Geografia de Ritter, as análises regionais, a geografia política, e a relação dinâmica empreendida pelos grupos humanos na alteração da natureza serão influenciadas pela fundamentação em *La Terre* e em *Nouvelle Géographie Universelle* de Reclus.

Embora discípulo declarado de Ritter, como Ratzel, Reclus se distanciará da visão teológica e organicista do mestre, destronando a Geografia sobre base abstrata até ele construída, calcificando sua maturidade intelectual e originalidade libertária. (CIRQUEIRA, 2016, p. 6).

Nesse contexto, essa Geografia social, anarquista, em pleno século XIX, que tem como principais chaves percursoras Élisée Reclus e Piotr Kropotkin, não recebeu a devida notoriedade, no sentido do seu real valor, ao meio científico em que estava inserida, sendo a Geografia, ciência essa a serviço do Estado, e na época em questão seus frutos ainda eram conservadores e alinhado à elite. Nesse pensamento, a Geografia de Élisée Reclus se mostra altamente moderna para o tempo em questão, e assim está focada na relação sociedade natureza, com olhar crítico, e frutos para o futuro das sociedades, ou melhor futuro dos homens diante do seu meio.

O mais importante elemento de pacificação seria ninguém causasse mal a seu próximo, pois está em nossa natureza odiar aqueles que lesamos e amar aqueles cuja presença lembra nosso próprio mérito. As consequências morais desse ato muito simples de justiça: garantir a todos o pão e a instrução, seriam incalculáveis. (RECLUS, 2011 [1905], p. 60).

Devida a este contexto das raízes da ciência geográfica, que tem o Estado como pioneiro e precursor de seus frutos e aplicações de estudo, a geograficidade de Reclus foi e é atualmente diminuída, abafada, deixada sempre em “ordem alfabética” na grande biblioteca mundial da Geografia. “Nos manuais de história da geografia, ou considera-se Reclus partícipe da geografia tradicional positivista, ou como um personagem à parte da teoria do conhecimento, uma espécie de enclave” (CIRQUEIRA, 2016, p. 8).

Reclus (2011 [1905], p.65)

Mas essa forma de compreensão, essa capacidade maior do homem moderno, que lhe permite reconquistar o passado do selvagem em seu meio natural antigo e associá-lo, fundi-lo harmoniosamente com suas ideias mais refinadas, todo esse acúmulo de força não pode resultar numa reconquista definitiva, normal, senão sob a condição para o novo homem de abraçar todos os outros homens, seus irmãos, em um mesmo sentimento de unidade com o conjunto das coisas (RECLUS, 2011, p.65)

Reclus recomenda que o homem deveria atuar de forma contrária ao que lhe aconselha o Estado autoritário e a Igreja, para que ocorra uma evolução e conseqüentemente o progresso. Essa sociedade ácrata proposta pelo autor não seria uma “sociedade perfeita”, como alguns intelectuais gostam de classificar, denominando de utópica, “irrealista”, seria de fato uma sociedade em constante evolução e aprimoramento, respeitando a individualidade de cada ser humano.

VIII - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pensamento reclusiano está estritamente alinhado com uma educação de elevar os diferentes sujeitos, a compreenderem seu meio, e a partir do conhecimento do seu espaço, questionar, a todo o momento as diferentes formas de poder. Nessa perspectiva, os aspectos analíticos de sua Geografia Social apresentado na sua última e extensa obra O Homem e a Terra de 1905, se realizam principalmente pelo progresso científico e em uma evolução social, assim pela liberdade e na ação individual, contra as formas de poder, o Estado, a religião e o capitalismo.

Foi como geógrafo que Reclus depositou a maior parte de seus esforços. Com uma vasta obra percorreu sobre diversos temas e contribuiu com a consolidação da Geografia. Em grau elevado, que muitos autores contemporâneos têm sofrido influência de suas ideias. No que diz respeito à relação entre o homem e a natureza suas análises tiveram influência dos métodos usados pela da escola clássica da Geografia.

Além do mais, sua preocupação com as desigualdades sociais tanto na França quanto no resto do mundo o distinguiu dos demais autores tradicionais da época, principalmente. Em meio ao contexto ortodoxo em que Reclus parcialmente configurou-se, ele deu enorme contribuição ao saber geográfico, sendo um dos principais responsáveis por garantir a continuidade e o desenvolvimento das pesquisas, avançando o saber da geografia enquanto ciência, após o enfraquecimento de Ritter e Humboldt, se tornado um pilar dessa ciência, conforme destaca Tatham (1959) e Robic (2009).

À vista disso, das informações aqui diluídas sobre o pensamento de Élisée Reclus, a respeito do poder, Estado, Igreja, classes sociais, avanço do capitalismo e o progresso, a sua contribuição e ligações com a Geografia contemporânea é vasta e essencialmente rica e se faz como um campo em aberto para novas “descobertas” e devido ao fato do autor ter escrito mais de quarenta mil páginas, sendo poucas as escritas traduzidas para português, por conseguinte a sua preocupação com as classes dominadas, os oprimidos da sociedade e seu objetivo de atingir o equilíbrio na relação sociedade natureza, ou relação do homem com a terra, trouxe e ainda traz novas visões e análises para a Geografia moderna. E Se podemos interpretar o autor a luz da Geografia Crítica? Arriscamos dizer que sim, sendo responsável e pioneiro por eclodir a mesma, podemos dizer que o Élisée foi o fundador original de uma Geografia com criticidade apesar desse título ter ficado com os geógrafos marxistas. No qual na atualidade acadêmica, muito vezes Geografia

Crítica e geografia marxista são as mesmas coisas. E também responsável por fundar a Geografia Social, como ele mesmo evidencia, ou define sua Geografia, com uma análise espacial primordialmente humanista.

Dessa forma, a analítica sobre a sociedade, bem como o Estado, assim sendo, no seu pensamento libertário se faz pelo questionamento das diferentes formas de poder e opressão dos homens contra os homens, que segundo Élisée Reclus, podem ser compreendidas como resultantes da distribuição desigual do poder na sociedade. Para os geógrafos anarquistas a prática vem antes da teoria, em que a partir da experiência vivida no meio se faz a teoria.

IX - REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manoel Correia de. **Imperialismo e fragmentação do espaço**. São Paulo, 1989.
- ANDRADE, Manuel Correia. **Élisée Reclus**. Editora Ática, 1985.
- BAKUNIN, Mikhail Aleksandrovich; COELHO, Plínio Augusto. **Escritos contra Marx**. Nu-Sol, 2001.
- BOLIGIAN NETO, Artur. REPENSANDO AS FRONTEIRAS: A ATUALIDADE DE ÉLISÉE RECLUS. **Geographia Opportuno Tempore**, v. 3, n. 1, p. 10-22, 2017.
- CIRQUEIRA, José Vandério. Élisée Reclus e a excentricidade de sua geografia anarquista. Terra Brasilis (Nova Série). **Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica**, n. 7, 2016.
- COLOMBO, Eduardo. **Análise do Estado: o Estado como paradigma de poder**. São Paulo, Rio de Janeiro: Imaginário; Soma, Nu-Sol, 2001.
- DA FONSECA MATEUS, João Gabriel. Élisée Reclus e a Concepção de Estado: elementos de uma crítica multideterminante. **Revista Espaço Livre**, v. 7, n. 14, p. 15-32, 2012.
- DE CAMPOS, Rui Ribeiro. O Anarquismo na geografia de Élisée Reclus. **Élisée-Revista de Geografia da UEG** (ISSN 2316-4360), v. 1, n. 01, p. 01-26, 2012.
- DE CASTRO, Renan Fernando; GODOY, Marcos Jorge; ALVES, Flamarion Dutra. Contribuições de Élisée Reclus para a Geografia Moderna. **Caderno de Geografia**, v. 24, n. 1, p. 155-165, 2014.
- DE PAULA, Amir El Hakim. Anarquia e geografia na I Internacional: As presenças de Élisée Reclus e Charles Perron. **Élisée-Revista de Geografia da UEG**, v. 4, n. 1, p. 20-35, 2015.
- DE PAULA, Amir El Hakim. Elisée Reclus, um geógrafo crítico? **GEOgraphia**, v. 22, n. 49, 2020.
- EVA, Fabrizio. Élisée Reclus: ideias úteis para análises geopolíticas contemporâneas. **verve. revista semestral autogestionária do Nu-Sol.**, n. 8, 2005.
- FERREIRA, José Maria Carvalho. Élisée Reclus: vida e obra de um apaixonado da natureza e da anarquia. **verve. revista semestral autogestionária do Nu-Sol.**, n. 10, 2006.
- FERRETTI, Federico. As origens da noção de “fronteiras móveis”: limites Políticos e Migrações nas Geografias de Friedrich Ratzel e Élisée Reclus. **Continentes** (UFRRJ), 2014, vol. 2, no. 4.

FERRETTI, Federico; PELLETIER, Philippe. Indígenas do universo': espaço, dominação e práticas de liberação social na obra dos geógrafos anarquistas Elisée Reclus, Pëtr Kropotkin e Léon Metchnikoff. **Território Autônomo**, v. 2, n. 2, p. 5-16, 2013.

KROPOTKIN, Petr Alekseevič. **A conquista do pão**. Guimarães, 1975.

KROPOTKINE, Piotr Alexievitch; LIMA, João Evangelista Campos. **Palavras d'um revoltado**. 2005.

LACOSTE, Ives. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas, SP: Papirus, 1988.

LEAL, Pablo Campos. Anarquia, Ecologia e Veganismo: Contribuições de Élisée Reclus para uma Visão Bioética do Espaço. **Anais do Colóquio Internacional Elisée Reclus e o Novo Mundo**, 2011.

LOPES, Milton. Elisée Reclus e o Brasil. **GEOgraphia**, v. 11, n. 21, p. 160-175, 2009.

MOREIRA, R. **O pensamento geográfico brasileiro, vol.1: as matrizes clássicas originárias**. São Paulo: Contexto, 2008. 190p.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico? por uma epistemologia crítica**. 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2012.

NABARRO, S. A. Élisée Reclus: pensamento libertário e Geografia Social. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 42, n. 01, 2022.

NABARRO, Sergio Aparecido. Contribuição à cronologia de Élisée Reclus. **Caderno de Geografia**, v. 30, n. 63, p. 1022-1043, 2020.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Fronteiras: a divisão da fraternidade no mundo. **Revista Geonorte**, v. 2, n. 3, p. 25-39, 2011.

PEDROSA, Breno Viotto. Colóquio Internacional" Élisée Reclus e a geografia do Novo Mundo". **Investigaciones Geográficas** (Mx), n. 77, p. 160-164, 2012.

PELLETIER, Phelippe. Introdução. *In*: RECLUS, Élisée. **Anarquia pela educação**. São Paulo: Hedra, 2011.

PELLETIER, Philippe. Élisée Reclus: Teoria geográfica e teoria anarquista. Terra Brasilis (Nova Série). **Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica**, n. 7, 2016.

PEREIRA, Davidson Matheus. Patriarcado, Estado e capitalismo: A geografia antipatriarcal de Élisée Reclus e Piotr Kropotkin. **Terra Livre**, v. 2, n. 55, p. 39-72, 2020.

PINTO, José Vandério Cirqueira. **Geograficidade libertária em Élisée Reclus: contribuição heterodoxa à história da geografia**. 2015. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2015.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. Ática. 1993.

- RATZEL, F. **Le sol, la société et l'État**. *Revue L'Anne Sociologique*. Québec: Université Laval de Québec, 2003, p. 1 – 16.
- RECLUS, Élisée. **A evolução, a revolução e o ideal anarquista**. São Paulo: Imaginário/Expressão & Arte, 2002.
- RECLUS, Élisée. **Da ação humana na Geografia Física; Geografia comparada no Espaço e no Tempo**. São Paulo: Imaginário, 2010.
- RECLUS, Élisée. **Do sentimento da natureza nas sociedades modernas**. São Paulo: Expressão & Arte: Editora Imaginário, 2010.
- RECLUS, Élisée. **O homem e a terra. O Estado moderno**. São Paulo: Expressão e Arte, 2010.
- RECLUS, Élisée. **O Homem e a Terra: A Cultura e a Propriedade**. São Paulo: Expressão &, 2010.
- RECLUS, Elisée. **O homem e a terra–Progresso**. São Paulo: Imaginário: Expressão & Arte, 2011.
- RECLUS, Elisée. **Anarquia pela educação**. hedra, 2015.
- RECLUS, Eliseo. **El hombre y la tierra (Fragmentos)**.1916.
- ROBIC, M-C. De la relativité... Élisée Reclus, Paul Vidal de la Blache et l'espace-temps. *In: BORD, J-P. et. al. (Ed.). Élisée Reclus – Paul Vidal de la Blache. Le géographe, la cité et le monde hier et aujourd'hui (autour de 1905)*. Paris: L'Harmattan, 2009.
- ROSA, Rodrigo. **Anarquismo, ciência e educação: Francisco Ferrer y Guardia e a rede de militantes e cientistas em torno do ensino racionalista, 1890-1920**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2017.
- SKODA, Adriano Gonçalves. **A recepção de Élisée Reclus no Brasil: uma narrativa científica**. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.
- SOUZA, Marcelo José Lopes. Por uma geografia libertária. **Consequência**, 2017.
- TATHAM, G. A geografia no século dezenove. **Boletim Geográfico**. Conselho Nacional de geografia. IBGE: Ano XVII, n. 150, p. 198 - 226, maio/junho de 1959.
- VITTE, A. C. As influências da filosofia natural e da naturphilosophie na contribuição do darwinismo: elementos para uma filosofia da geografia física moderna. **Boletim Goiano de Geografia**. v. 29, n. 1, jan./jun. Goiânia: UFG, 2009, p. 13 – 32.
- ZAAR, Miriam Hermi. Élisée Reclus e o seu método geográfico. **Biblio 3w** (Barcelona), v. 20, p. 1, 2015.